



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS REALEZA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

PATRÍCIA DIETZMANN

**AS DIFICULDADES E AS POSSIBILIDADES DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS
DIANTE DA INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA**

REALEZA - PR

2017

PATRÍCIA DIETZMANN

**AS DIFICULDADES E AS POSSIBILIDADES DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS
DIANTE DA INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Ciências Biológicas - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Realeza - PR, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.
Orientadora: Prof^ª. Dra. Sandra Maria Wirzbicki

REALEZA - PR

2017

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Dietzmann, Patrícia

As Dificuldades e as Possibilidades de Professores de Ciências Diante da Inclusão de Alunos com Deficiência/
Patrícia Dietzmann. -- 2017.

45 f.

Orientador: Sandra Maria Wirzbicki.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Ciências Biológicas , Realeza, PR, 2017.

1. Educação Inclusiva. 2. Ensino de Ciências. 3. Formação de Professores. I. Wirzbicki, Sandra Maria, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

PATRÍCIA DIETZMANN

**AS DIFICULDADES E AS POSSIBILIDADES DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS
DIANTE DA INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Ciências Biológicas – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Realeza – PR, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientador(a): Prof. Dra. Sandra Maria Wirzbicki

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:
____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Sandra Maria Wirzbicki

Prof. Dr. Ronaldo Aurelio Gimenes Garcia

Prof. Dr. Jackson Cacciamani

Dedico essa conquista aos meus pais, os quais foram os grandes responsáveis pela minha trajetória até aqui, sempre me apoiando e ajudando a enfrentar todas as minhas dificuldades.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter chegado até aqui, e por sempre me ajudar a superar toda e qualquer dificuldade.

Quero agradecer também, a Prof. Dra. Cristiane de Quadros a qual inicialmente foi minha orientadora e devido a motivos de saúde foi afastada, ela foi minha inspiração para realizar este trabalho, agradeço por todo carinho, atenção e paciência que teve comigo no período em que me orientou e por toda a sabedoria que compartilhou comigo.

Quero agradecer também, a minha atual orientadora Prof. Dra. Sandra Maria Wirzbicki que, me acolheu de braços abertos no momento em que foi comunicada que teria que assumir a minha orientação. Sou muito grata a ela por me ajudar a finalizar o meu TCC, por todo o ensinamento, pela atenção, carinho e compreensão que teve comigo sendo além de minha orientadora a minha confidente.

Quero agradecer às professoras participantes da pesquisa por terem aceitado responder os questionários, e agradeço a Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Realeza, por todo conhecimento que me proporcionou durante esses anos.

Agradeço também, aos meus pais que sempre estiveram do meu lado e me ajudaram em todos os momentos que precisei e agradeço a todos os meus colegas e amigos que de alguma forma contribuíram na realização deste trabalho.

“Nossa maior fraqueza está em desistir. O
caminho mais certo de vencer é tentar mais uma
vez.”.

(THOMAS EDISON)

RESUMO

A educação inclusiva é um assunto cada vez mais presente nas escolas. No entanto, muitos profissionais da educação não tiveram possibilidades de abordar tal tema na época em sua formação e ao se depararem com um aluno de inclusão muitas vezes não sabem o que fazer, como lidar e principalmente não sabem como ensinar para esse aluno. Nesse sentido, a presente pesquisa desenvolvida durante o Trabalho de Conclusão de Curso, objetiva avaliar como está sendo desenvolvido o processo de inclusão escolar dos alunos com deficiência em duas escolas de Ensino Fundamental da cidade de Realeza/PR, na disciplina de Ciências. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na qual foi desenvolvido questionários com os professores que já tiveram alunos de inclusão em suas salas de aula. A análise dos dados foi realizada com base na Análise Textual Discursiva (MORAES e GALLIAZI, 2011). Dados da análise orientam a construção de três categorias, sendo elas: inclusão escolar e a prática docente; dificuldades enfrentadas diante da inclusão; possibilidades da educação inclusiva. A partir dessa pesquisa, pode-se que, os professores passam por muitas dificuldades diante da inclusão em consequência da falta de capacitação dos professores na perspectiva da inclusão. Assim, considera-se que seria importante, que todos os cursos de licenciatura tivessem como componente obrigatório o de Educação Inclusiva, com uma carga horária maior e com práticas inclusivas e, além disso, os professores precisam ter uma formação continuada na perspectiva da inclusão.

Palavras-chaves: Educação Inclusiva, Ensino de Ciências, Formação de Professores.

ABSTRACT

Inclusive education is an increasing value in schools. However, many education professionals are not successful, but are not available for their training and, when finding an inclusion student, often do not know what to do, how to deal with and mainly do not know how to teach for that student. In this sense, this research, developed during the completion of coursework, since the school inclusion package of students with disabilities in two primary schools in the city of Realeza / PR, in the discipline of Sciences, is being developed. This is a qualitative research, in which questionnaires were developed with teachers who already had students of inclusion in their classrooms. A data analysis was performed based on Discursive Textual Analysis (MORAES and GALLIAZI, 2011). The data of the analysis guide a construction of three categories, being: school inclusion and teaching practice; difficulties faced by inclusion; possibilities for inclusive education. From the research, teachers may face many difficulties regarding inclusion as a consequence of teachers' lack of capacity in the perspective of inclusion. Inclusion, with greater workload and inclusive practices, is therefore essential, and it is a profound reality from the perspective of inclusion.

keywords: Inclusive Education; Science Teaching; Teachers ' formation.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO A TEMÁTICA PESQUISADA.....	09
2. ASPECTOS HISTÓRICOS, LEGAIS E EDUCACIONAIS DA INCLUSÃO.....	11
2.1. BREVE HISTÓRICO DA INCLUSÃO DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NO ENSINO REGULAR.....	11
2.2. ACERCA DA INCLUSÃO E DA LEGISLAÇÃO VIGENTE	13
2.3. FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO.....	16
3. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	19
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA	22
4.1. PERFIL DOS PROFESSORES QUE PARTICIPARAM DA PESQUISA.....	22
4.2. UM OLHAR ANALÍTICO PARA AS RESPOSTAS DOS PROFESSORES.....	23
4.2.1. Inclusão Escolar e a Prática Docente	24
4.2.2. Dificuldades Enfrentadas Diante da Inclusão.....	28
4.2.3. Possibilidades da Inclusão Escolar	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	35
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO.....	39
APÊNDICE B - TCLE.....	41

1. INTRODUÇÃO A TEMÁTICA PESQUISADA

A educação é considerada de extrema importância na formação do ser humano, a mesma pode ser definida como algo que, sistematicamente, promove a aprendizagem e o desenvolvimento de cada indivíduo. Assim, é um processo que se estende pela vida toda que não vai começar e nem terminar com a vida escolar. Os anos passados na escola são de relevante importância, entretanto, são apenas um elemento no processo educacional porque a família é que está desde o princípio envolvida com a aprendizagem direta do sujeito (MITTLER, 2016).

No contexto escolar, considerado um ambiente estimulador para várias aprendizagens é possível destacar a importância do professor enquanto participante ativo no processo de ensino e aprendizagem. Porém, algo que chama a atenção é que, muitos professores têm receio em receber em suas salas de aula alunos de inclusão, eles dizem que não estão preparados para atuar em salas tão heterogêneas (TOLEDO; MARTINS, 2009). Diante disso, torna-se de extrema relevância que os professores sejam formados a fim de atender às dificuldades apresentadas pelos alunos (NASCIMENTO, 2009).

Pelo fato de que cada vez mais alunos de inclusão estão presentes dentro das salas de aula, a inclusão escolar é um assunto que atualmente é muito discutido no ambiente escolar. Diante disso, é possível perceber nos relatos de muitos profissionais da educação, que os mesmos não tiveram oportunidades de abordar tal tema na época de sua formação. Assim, ao se depararem com um aluno de inclusão não sabem que atitudes tomar e nem como ensinar esse aluno de forma igualitária, sem que ele seja excluído do restante da turma.

Enquanto licencianda do Curso de Ciências Biológicas, no ano de 2016 tive como componente curricular a Educação Especial na Perspectiva da Inclusão, as abordagens feitas pela professora mudaram totalmente o meu pensamento em relação aos alunos de inclusão, me fizeram refletir sobre como estava ocorrendo esse processo nas escolas. Participei de uma aula prática na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) da cidade de Realeza/PR, estar com aqueles alunos e perceber o quanto eles tinham

vontade de aprender e como as suas dificuldades eram superadas todos os dias me fez entender que realmente todos têm direito de receber uma educação de qualidade.

Nesse mesmo ano, realizei o estágio de Ciências na cidade de Realeza, e algumas vivências me fizeram perceber que os professores que atuam diariamente com alunos de inclusão dentro das salas de aula, enfrentam grandes desafios por não ter contemplado em sua formação inicial e continuada a inclusão. Presenciei comentários de preocupação dos professores dentro da escola, relatos de dúvidas sobre que atitude tomar quando um aluno com alguma deficiência está presente na sala. Observei atitudes que me trouxeram preocupações, professores passando as respostas ou apenas dando nota pelo simples fato de ser um aluno de inclusão.

É importante ressaltar que o(a) professor(a) é a figura central do fazer educacional. Ele representa um ator valioso nesse processo em sua prática pedagógica, com as situações concretas da educação. Sendo assim é possível deduzir que seu olhar e prática pedagógica podem determinar o sucesso e/ou insucesso do aluno deficiente (BORGES et al, 2013). Assim, é preciso entender quais são as maiores dificuldades e barreiras enfrentadas pelos professores nas escolas diante da educação inclusiva para que seja possível buscar soluções.

Nessa perspectiva, objetivou-se compreender por meio do contexto histórico como se construiu/constrói o processo de inclusão, quais são as dificuldades e as possibilidades dos professores de Ciências da cidade de Realeza/PR diante da inclusão.

Tal problemática transformou-se em objeto de investigação e partiu da questão de pesquisa: Quais são as principais dificuldades e as possibilidades dos professores de Ciências da cidade de Realeza/PR diante da inclusão?

2. ASPECTOS HISTÓRICOS, LEGAIS E EDUCACIONAIS DA INCLUSÃO

A fundamentação teórica deste trabalho foi organizada dentro de três tópicos fundamentais. O primeiro contempla um breve histórico sobre a inclusão dos alunos com deficiência no ensino regular, como ocorreu esse processo no decorrer dos anos. O segundo traz conceitos sobre o que é a educação inclusiva, seu papel e sobre as leis acerca da inclusão. O último tópico trata da formação de professores, sobre como os limites dessa capacitação pode ser prejudicial para a educação inclusiva.

2.1. BREVE HISTÓRICO DA INCLUSÃO DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NO ENSINO REGULAR

A educação foi reconhecida como direito para todas as crianças desde a Declaração Universal dos Direitos do Homem em 1948, porém, inicialmente o direito à educação não tinha relação com a inclusão (STUBBS, 2008). Em geral, na sociedade a pessoa que possui alguma deficiência física ou mental sempre foi considerada como alguém fora dos padrões “normais”, muitos termos preconceituosos foram usados para identificar essas pessoas, e para muitos a maior dificuldade era ter acesso à educação (FUMEGALLI, 2012).

Durante anos essas pessoas eram excluídas da sociedade e não eram aceitas nas escolas, e muitas vezes eram escondidas dentro das casas pela própria família que tinham vergonha de contar para vizinhos, amigos ou conhecidos que tinham alguém na família que apresentava alguma deficiência. Conforme Fumegalli (2012) no final da década de 1980 surgiu o movimento mundial sobre a inclusão que, teve como objetivo garantir o direito de todos os alunos de frequentar a escola regular e a valorização da diversidade, tendo como base o princípio de igualdade de oportunidades nos sistemas sociais, incluindo a instituição escolar.

O movimento ficou conhecido como "Educação para Todos", ele surgiu de programas das Nações Unidas como Convenção dos Direitos da Criança (1989), ele visa à inclusão de todas as crianças que de alguma forma estão excluídas dos benefícios da escolarização (MITTLER, 2016). Porém apesar do movimento buscar incluir nas escolas todas as crianças que por algum motivo eram excluídas, o direito à educação inclusiva

ainda não tinha sido assegurado. De acordo com Stubbs (2008) o direito à educação inclusiva foi afirmado na Declaração de Salamanca em 1994 e salienta que as escolas precisam mudar e adaptar. A partir dessa declaração a educação inclusiva é considerada um direito fundamental para todos, de acesso à educação e de não ser excluído.

A Declaração de Salamanca (1994) traz uma desafiadora concepção de Educação Especial ao utilizar o termo “pessoa com necessidades educacionais especiais” para se referir a todas as crianças ou jovens que apresentam necessidades decorrentes de suas características de aprendizagem. O princípio adotado por essa declaração é que as escolas devem acolher a todas as crianças, incluindo as com deficiências, superdotadas, de rua, que trabalham, de populações distantes, nômades, pertencentes a minorias linguísticas, étnicas ou culturais, ou de qualquer outro grupo desfavorecido ou marginalizado. E para que isso aconteça é sugerido que seja desenvolvido uma pedagogia que tenha o seu foco voltado na relação com a criança, que seja capaz de educar com sucesso a todos e atenda às necessidades de cada um (PAULON; FREITAS; PINHO, 2005).

Após esta declaração, segundo Veltrone e Mendes (2007) o mais novo paradigma educacional passou a ser a inclusão escolar, que defende a escola regular como espaço educacional de todos os alunos, ela deve estar apta para receber qualquer aluno, independente das características que possam apresentar. Ainda conforme os autores no discurso atual, as escolas com propostas inclusivas devem reconhecer e responder a todas as dificuldades que seus alunos possam vir a apresentar, e assim acomodar os diferentes estilos e ritmos de aprendizagem e ser possível garantir uma educação de qualidade para todos mediante currículos apropriados, modificações organizações, estratégias de ensino, recursos e parcerias com as comunidades.

Desde a Declaração de Salamanca de 1994, as escolas passaram a ter a obrigação de acolher todos os alunos, independente das suas condições, e as mesmas deveriam estar preparadas para trazer soluções para todas as dificuldades que qualquer aluno poderia apresentar. Porém, podemos perceber nas escolas atuais, que isso não acontece, elas recebem os alunos de inclusão para cumprir a lei, entretanto muitas não estão preparadas para receber esses alunos. Como por exemplo, todas as escolas brasileiras diariamente recebem cadeirantes e muitas não possuem nem rampas, recebem alunos cegos, surdos e não possuem nenhum material didático adequado para trabalhar com esses alunos. Ou seja,

foi garantido a inclusão de alunos com deficiências intelectuais e físicas, mas não foi garantido aos professores uma formação para prepará-los para esta mudança.

As escolas passaram apenas a receber os alunos de inclusão, e os professores passaram a ter que dar aula para turmas cada vez mais heterogêneas. Porém, não se sabia ao certo nem o que realmente era incluir um aluno e como deveria acontecer o aprendizado do mesmo porque não foi ofertado nenhum preparo, apenas se tinha conhecimento da lei, de que as escolas precisavam incluir, mas não se sabia ao certo como esse processo tinha que realmente acontecer de acordo com as leis brasileiras. Sobre a inclusão e a legislação vigente é organizado o tópico 2.2.

2.2. ACERCA DA INCLUSÃO E DA LEGISLAÇÃO VIGENTE

Segundo Ruiz (2008) a educação inclusiva é entendida como o processo de inclusão dos alunos que apresentam necessidades educacionais especiais ou distúrbios de aprendizagem na rede comum de ensino em todos os seus graus. No entanto, a atual Política Nacional da Educação Especial na perspectiva da inclusão (2008), marca a inclusão de alunos com deficiência¹ nas salas de ensino regular. Neste sentido, o ensino para as crianças com distúrbios de aprendizagens é responsabilidade de todos os professores.

Conforme Freire (2008) a inclusão é um movimento educacional, social e político que defende o direito de que todos os indivíduos podem participar, de uma forma consciente e responsável, da sociedade a qual pertencem, e assim serem aceitos e respeitados naquilo que os diferencia dos outros. Ainda segundo a autora, no contexto educacional, a inclusão defende o direito de que todos os alunos podem desenvolver e concretizar as suas potencialidades e apropriarem as suas competências sendo permitido exercer o seu direito de cidadania através de uma educação de qualidade.

A inclusão tem como principal objetivo proporcionar a educação para todos, levando em consideração que o direito à educação do aluno com deficiência, juntamente com todos os cidadãos é um direito constitucional (FRIAS, 2008). É por meio da inclusão

¹ Atualmente (BRASIL, 2008) definiu-se o uso da terminologia pessoas com deficiências em substituição a pessoas com necessidades educacionais especiais.

que a criança vai desenvolver a linguagem, o pensamento, a socialização, a iniciativa e a autoestima, para assim, ser considerado um cidadão capaz de enfrentar desafios e participar na construção de um mundo melhor independente das diferenças. Nesse trabalho, a participação dos pais é fundamental para o desenvolvimento, aprendizagem e interação da criança no contexto escolar (SOUZA et al., 2016).

Porém, a realidade desse processo inclusivo ainda não está de acordo com o que a legislação propõe, pode-se dizer que a inclusão no ensino regular não acontece da forma desejada, pelo fato de que a proposta de educação atual não pode oferecer e nem garantir condições satisfatórias para ser considerada inclusiva, porque ainda se faz necessário uma maior competência profissional, projetos educacionais mais elaborados, mais recursos educacionais. A garantia de uma educação de qualidade para todos, consiste não somente na aceitação, mas também na valorização das diferenças (FRIAS, 2008).

Para que a inclusão realmente aconteça o aluno precisa sentir-se capaz, dentro das suas dificuldades e limites, de aprender assim como todos os seus colegas dentro de uma sala de aula, e para que isso ocorra é preciso proporcionar condições para o aluno, é preciso repensar as metodologias que podem ser utilizadas no ensino a estes alunos. Para que a inclusão realmente aconteça, é preciso que todos os envolvidos nesse processo estejam realmente empenhados em proporcionar um ensino de qualidade. Para alcançar o objetivo da educação inclusiva é necessário que, além da aceitação, em contexto escolar a sociedade aprenda a valorizar as diferenças.

Apesar da extrema importância, a educação de alunos com deficiência ainda não é considerada como prioridade para muitos países. Crianças e jovens com deficiência, bem como as suas famílias ainda são ignorados, e as atitudes para com eles revelam preconceitos e ignorância, indo do nível dos políticos e dos que tomam decisões aos professores e outros profissionais nas comunidades locais (MITTLER, 2016).

Conforme a Organização das Nações Unidas para a Educação (UNESCO, 2005) o maior problema enfrentado pela educação inclusiva, é de que os alunos que apresentam alguma deficiência passam a frequentar o ensino regular sem que tenha ocorrido mudanças na organização das escolas, nos seus currículos e nas estratégias de ensino e aprendizagem. Essa irregularidade na mudança organizacional pode ser considerada uma das maiores barreiras à implementação de políticas de educação inclusiva. Ficou evidente que as

escolas necessitam ser reestruturadas e que a pedagogia precisa ser desenvolvida de forma que seja possível responder positivamente à diversidade de alunos dentro das salas de aula, olhando sempre para as diferenças individuais não como se fossem problemas a ser enfrentados, mas como oportunidades para enriquecer o ensino.

De acordo com o Instituto Brasileiro dos Direitos da Pessoa com Deficiência (IBDD, 2008) no Brasil, muito se é discutido sobre as reformas do ensino, sobre as novas necessidades da educação, a criança na escola, a formação profissional, mas a educação inclusiva ainda não é considerada como um problema de grande relevância. O país age de certa forma como se as pessoas que possuem alguma deficiência e são inclusas nas escolas não precisassem ser levadas em conta, não estivessem entre as obrigações do Estado com educação.

Segundo Souza et al. (2016) a escola precisa ser capaz de atender seus alunos em suas especialidades e dificuldades, afinal, sabemos que todas as pessoas apresentam diferentes características. Se sobressaem em algumas áreas e apresentam dificuldade em outras, e isso precisa ser respeitado e levado em consideração na hora da aprendizagem e do convívio social de todos os indivíduos. A inclusão não se limita em apenas colocar o aluno com deficiência dentro da escola, é necessário que ele consiga interagir de acordo com suas potencialidades com os seus colegas.

Assim, todo e qualquer aluno tem direito de receber uma educação de qualidade dentro dos seus limites e dificuldades, e para que isso ocorra mudanças precisam ocorrer. É necessário que, além das escolas juntamente com os professores estarem preparados para receber todos os alunos, é preciso superar preconceitos em relação aos alunos com deficiência, porque pelo fato de ser um aluno de inclusão que possui alguma deficiência ele é julgado muitas vezes como incapaz de aprender. É necessário que os professores juntamente com toda a equipe pedagógica das escolas busquem alternativas de proporcionar um ensino igualitário para todos.

De acordo com a lei brasileira nº 13.146, de 6 de Julho de 2015, art. 2º:

[...] considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (BRASIL, 2015).

E, conforme o art. 4º “[...] a pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação”. Apesar da lei garantir que todas as pessoas com deficiência possuem o direito de ter uma educação de qualidade com igualdade de condições, existem muitos problemas que precisam ser enfrentados para que a educação inclusiva aconteça da forma que deveria acontecer. Um dos principais limites observados nas escolas é a falta de capacitação dos professores para trabalharem com alunos de inclusão. Conforme Nascimento (2009) a implantação da educação inclusiva tem se deparado com limites e dificuldades, em consequência da falta de formação dos professores das classes regulares para atender às necessidades específicas de aprendizagem, além da precariedade da infraestrutura e de recursos pedagógicos para o trabalho com crianças com deficiência. Sobre a perspectiva da formação de professores para a inclusão é organizado o tópico 2.3.

2.3. FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO

Segundo Rodrigues e Lima-Rodrigues (2011) a educação inclusiva precisa ser entendida como uma reforma educacional, e para que mesma aconteça, é necessário que os professores sejam formados em modelos de ensino e comunicação diferentes dos modelos tradicionais, os professores precisam possuir um conhecimento adequado, atitudes positivas para que, com compromisso possam levar adiante a reforma da Educação Inclusiva. E para isso é necessário que a educação inclusiva chegue aos cursos de formação de professores e que tenha cursos desenvolvidos sob valores Inclusivos para formar professores de Educação Inclusiva (RODRIGUES; LIMA-RODRIGUES, 2011).

Segundo Jesus e Effgen (2012) levando em consideração a diversidade de alunos que um professor(a) pode encontrar dentro de uma sala de aula, é necessário que os professores tenham uma formação que considere a diversidade, que pense em práticas pedagógicas que possam atender às necessidades educacionais de alunos que apresentam deficiências físicas e mentais, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação.

As Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (Resolução CNE/CEB nº 01/2002) possui ressalvas feitas à formação adequada dos professores que atuam na educação inclusiva na rede regular de ensino, sendo assim

compreende-se que todo o corpo docente deverá possuir uma formação profissional direcionada para a diversidade das salas de aula (SARAIVA; VICENTE; FERENC, 2007). Conforme Martins (2012) no Brasil foi levado em consideração a relevância de complementar os currículos de formação de docentes e de outros profissionais que atuam na área da educação. Passou a ser recomendada a inclusão como uma disciplina específica a qual deve contemplar aspectos ético-político-educacionais, com relação às pessoas que apresentam alguma deficiência, prioritariamente nos cursos de Pedagogia, Psicologia e em outras licenciaturas.

Conforme Martins (2012) no Brasil é possível perceber que com o passar dos anos, vários avanços vêm ocorrendo em decorrências das novas leis, várias iniciativas foram empreendidas pelo Ministério da Educação (MEC) e por outros órgãos em nível federal, estadual e municipal para melhorar a formação de docentes para favorecer a inclusão de todos os alunos, na escola regular. Houve um aumento significativo de cursos de licenciatura que passaram a oferecer disciplina(s) voltada(s) para a educação inclusiva em decorrência de resoluções e de algumas portarias ministeriais. Porém, ainda segundo a autora, vários estudos vêm trazendo evidências de que ainda é encontrado da parte de docentes em formação, a necessidade de um melhoramento deste processo, é preciso que ocorra uma ampliação da carga horária das disciplinas de inclusão ofertadas, e também é necessário que tenha mais disciplinas que oportunizem um maior aprofundamento teórico e prático, nesse campo educacional em todos os cursos de licenciatura.

É preciso levar em consideração que cada vez mais alunos de inclusão estão presentes nas salas de aula, e os professores não estão sendo formados para atuarem em salas tão heterogêneas. Durante a formação dos professores, deveria ser abordado o fato de que em uma sala de aula os professores podem se deparar com diferentes tipos de alunos, com diferentes dificuldades e limites e cabe ao professor mudar o seu método de ensino, cabe ao professor repensar sobre suas atitudes e qual seria a melhor maneira de agir diante de determinadas situações.

O mais preocupante, é que a maioria dos professores que atuam nas escolas na atualidade, e que trabalham com alunos de inclusão todos os dias, não teve em sua formação algum preparo ou componente que tratou do assunto inclusão e passam por inúmeras dificuldades e mesmo que tenham vontade de oferecer um ensino igualitário,

diante das dificuldades muitos não sabem a quem recorrer, a quem pedir ajuda, que atitudes tomar. Para averiguar essa situação foi utilizada a metodologia de pesquisa apresentada no tópico a seguir.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida na cidade de Realeza/PR, município localizado na região sudoeste paranaense com cerca de 17.068 habitantes, de acordo com estimativas do IBGE/2016. Possui apenas dois Colégios com ensino fundamental no perímetro urbano, o Colégio Dom Carlos Eduardo e o Colégio João Paulo II, ambos contam com apenas 4 professoras que ministram a disciplina de Ciências, sendo duas em cada colégio.

A metodologia escolhida para a realização deste estudo foi a pesquisa qualitativa. Segundo Moraes (2003) a pesquisa qualitativa busca de certa forma aperfeiçoar a compreensão dos fenômenos que estão sendo investigados por meio de uma análise rigorosa e criteriosa. Assim, este tipo de pesquisa não pretende testar hipóteses para comprová-las ou refutá-las ao término do estudo; a intenção da pesquisa é a compreensão.

Conforme Oliveira (2016) a vida humana é vista como uma atividade interativa e interpretativa, realizada pelo contato das pessoas, no qual o ser humano não é passivo pelo fato de que interpreta o mundo em que vive. Assim, o homem é diferente dos objetos, por isso, o seu estudo necessita de uma metodologia que considere essas diferenças. Neste sentido, habitualmente os procedimentos metodológicos adotados são do tipo etnográfico como, por exemplo: observação do participante, entrevista, história de vida, questionário, dentre outros.

No caso da presente pesquisa foi adotado como procedimento a aplicação de um questionário (Apêndice A) que envolveu a participação de três professores de Ciências da Rede Estadual de Ensino da cidade de Realeza/PR, que atuam no Ensino Fundamental. Inicialmente seria realizada uma entrevista com as participantes e as respostas seriam registradas através de áudio, porém devido à indisponibilidade de tempo das professoras para agendar um horário para a entrevista, elas não concordaram com a gravação e por este motivo foi enviado o questionário via e-mail para que fosse respondido em casa, sendo assim, a internet acabou auxiliando na pesquisa.

Conforme Freitas, Janissek-Muniz e Moscarola (2004) a internet oferece uma forma de coleta das informações nunca antes possível de ser realizada. Com ela, o pesquisador não está mais limitado pelas restrições de tempo, custo e distância, o questionário pode ser enviado aos participantes sem ser necessário a impressão, permitindo

que o pesquisador utilize uma interface muito mais interativa e rica, seja na coleta ou na apresentação dos resultados. Ainda, segundo os autores, para o participante da pesquisa se torna mais cômodo, pelo fato de poder responder em casa o questionário e poder formular as respostas com mais calma e sem pressão, podendo buscar auxílio caso tenha dúvidas sobre o que responder.

Levando em consideração que, os professores são os principais envolvidos nas decisões que envolvem alunos com deficiência, foi analisado o ponto de vista daqueles que ministram a disciplina de Ciências dos anos finais do Ensino Fundamental de duas escolas públicas da cidade de Realeza/PR as quais possuem alunos de inclusão matriculados. Foram convidadas quatro professoras para participar da pesquisa, porém apenas três responderam o questionário. Uma professora inicialmente concordou em participar, porém devido a indisponibilidade de tempo, como a mesma relatou, não conseguiria responder o questionário e por este motivo se recusou a participar da pesquisa alguns dias após o convite. Como naquele colégio não tinha outro professor de Ciências, a pesquisa foi realizada apenas com as três participantes. Tal procedimento de coleta de dados foi escolhido por ser uma forma de deixar registrado todas as respostas dos participantes para a análise.

Os indivíduos foram convidados pessoalmente nas escolas, e assinaram o Termo Livre Esclarecido (Apêndice B). No primeiro contato com as participantes, foi informado que os dados da pesquisa serão armazenados por tempo indeterminado no centro de memórias em Formação de Professores da Região Sudoeste do Paraná/Campus Realeza – PR e que sua identidade será preservada, assim como a garantia de confidencialidade e privacidade das informações fornecidas. Para garantir a identidade preservada das professoras juntamente com as informações fornecidas, no trabalho as participantes serão mencionadas como professora 1 (P1), professora 2 (P2) e professora 3 (P3).

Em sequência o questionário foi enviado via e-mail para cada participante. Foi estabelecido o prazo de um mês para a devolução dos questionários respondidos, e se caso, fosse necessário um prazo maior poderia ser concedido. A devolutiva da pesquisa para os participantes da mesma, acontecerá individualmente através da entrega da versão final do TCC. Os sujeitos da pesquisa serão convidados a participar da banca de defesa final do trabalho.

A análise das respostas ocorreu a partir da Análise Textual Discursiva (ATD) que conforme Moraes e Galliazi (2011) podemos entender como um processo de auto-organização, de construção e compreensão dos conhecimentos coletados para que novos entendimentos possam surgir por meio da utilização de três componentes: desconstrução dos textos do corpus, a unitarização; estabelecimento de relações entre os elementos unitários, a categorização; o captar do novo emergente em que a nova compreensão é comunicada e validada. De acordo com Moraes e Galliazi (2006, p.122) “[...] o processo da análise textual discursiva é um constante ir e vir, agrupar e desagrupar, construir e desconstruir[...]”.

A ATD compõe a metodologia de análise dos questionários na perspectiva de tecer considerações sobre quais são as dificuldades e as possibilidades no ponto de vista dos professores de Ciências que participaram da pesquisa, diante da inclusão de alunos com deficiência. Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFFS e aprovada de acordo com o parecer nº 2.013.686.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

A partir dos resultados analisados foram apontadas quais as possibilidades de trabalhar as dificuldades e ser possível oferecer uma educação de qualidade para todos. Esse trabalho, também pode contribuir de forma significativa para a superação de preconceitos em relação à educação inclusiva.

A aplicação do questionário ocorreu entre os meses de Junho e Julho de 2017. As respostas dos questionários demonstram que as professoras participantes apresentam uma boa qualificação profissional, pois todas possuem graduação e especialização. Porém, as mesmas não tiveram nenhum preparo adequado em sua formação para trabalhar com alunos inclusos, e durante os vários anos em que já atuaram na educação se depararam com vários alunos de inclusão que apresentavam diferentes tipos de deficiência. As professoras relataram que tiveram inúmeras dificuldades em relação ao aprendizado desses alunos por não saber ao certo como deveriam agir diante de determinadas situações. Acerca do perfil dos professores que aceitaram participar da pesquisa organizou-se o tópico a seguir.

4.1. PERFIL DOS PROFESSORES QUE PARTICIPARAM DA PESQUISA

O perfil dos professores que participaram da pesquisa, foi organizado a partir das respostas das 3 primeiras perguntas do questionário (Apêndice A), sendo a pergunta 1 “Qual é a sua formação acadêmica e a sua especialização?”, pergunta 2 “Em que ano se formou?”, e pergunta 3 “Em qual instituição cursou o ensino superior e em qual cidade?”.

As professoras convidadas para a pesquisa, são todas do sexo feminino e atuam há mais de 20 anos na área da educação, atualmente, dentre outras instituições que atuam, são professoras de Ciências nos anos finais do Ensino Fundamental no Colégio Estadual João Paulo II e no Colégio Dom Carlos Eduardo. A P1 é formada em Biologia com especialização em Ciências Morfofisiológicas, se formou em 1992 na cidade de Palmas/PR na instituição de ensino superior Faculdades Integradas de Palmas (FACEPAL). Durante sua formação acadêmica não teve nenhum preparo ou componente curricular que oferecesse a oportunidade de aprender sobre a inclusão escolar.

A P2 é formada em Ciências com habilitação para Matemática e possui especialização no Ensino da Matemática, se formou em 1993 na cidade de Palmas/PR, também, na instituição FACEPAL. Assim como a professora P1, não teve nenhum preparo ou componente curricular que oportunizassem aprender sobre a inclusão escolar, porém disse que durante o seu tempo de atuação na educação teve acesso a alguns cursos e palestras oferecidas pela Secretaria de Educação a Distância (SEED) e pela Secretaria Municipal de Educação referente a Educação Inclusiva.

A P3 é formada em Ciências do 1º grau com habilitação em Biologia e possui especialização em Metodologia do Ensino de Ciências e Morfofisiologia Animal, se formou em 1996 na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) na cidade de Cascavel/PR. Assim como as professoras P1 e P2, ela não teve nenhum preparo ou componente curricular na formação inicial sobre a inclusão escolar.

4.2. UM OLHAR ANALÍTICO PARA AS RESPOSTAS DAS PROFESSORAS

As perguntas foram inicialmente analisadas separadamente uma a uma para melhor compreensão do conhecimento que cada participante dispunha acerca da inclusão (unitarização), na sequência elas foram sendo separadas de acordo com os conceitos apresentados nas respostas na intenção de criar as categorias (categorização). Assim, a partir da transcrição dos dados e constantes leituras dos mesmos e com um olhar para separar as partes (unitarizar) para posteriormente aproximá-las (categorizar) foi possível identificar três categorias a priori na pesquisa.

As categorias são: 4.2.1. Inclusão Escolar e a Prática Docente que contempla as seguintes questões: “O que entende por inclusão escolar?”, “Já trabalhou quantas vezes em sua carreira com alunos inclusos?”, “Você sabe qual é o papel da inclusão?”, “Em sua formação acadêmica teve algum preparo ou componente curricular que te ofereceu a oportunidade de aprender sobre inclusão escolar?”. Categoria 4.2.2. Dificuldades Enfrentadas Diante da Inclusão, que apresenta a seguinte questão: “Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades e limites para a educação inclusiva?”. E a última categoria é a 4.2.3. Possibilidades da Inclusão Escolar que abrange as questões: “O que um professor deve fazer quando se depara com alunos de inclusão se não tem nenhum preparo para lidar

com aquele aluno? Que métodos deve adotar para fornecer uma educação de qualidade?”, “Você acha que seria melhor para os alunos de inclusão se tivessem alguém especializado para ensinar esses alunos separadamente dentro da sala?”. Essas categorias são apresentadas e discutidas a seguir.

4.2.1. Inclusão Escolar e a Prática Docente

Analisando as respostas das participantes da pesquisa, todas têm um conhecimento básico do que é a inclusão escolar e já trabalharam inúmeras vezes com alunos inclusos que apresentavam diferentes deficiências, como intelectual, física, auditiva, visual e com síndromes. Na pergunta nº 4: “O que entende por inclusão escolar?”, as professoras afirmam que inclusão escolar é:

P1: [...] quando são inclusos nas escolas alunos que têm dificuldade de aprendizagem das diversas formas (intelectual, física, auditiva, visual...), ou de aprendizagem lenta que precisam de um atendimento especial .

P2: [...] acolher todas as pessoas, sem exceção, no sistema de ensino, independentemente de cor, classe social e condições físicas e psicológicas.

P3: Quando indivíduos que apresentam alguma deficiência estão inclusos no ambiente escolar regular.

Com base nessas respostas, pode-se compreender que P1 e P3 entendem a inclusão escolar como “incluir alunos que possuem alguma deficiência no ambiente escolar”. Entretanto, segundo Silva e Arruda (2014) o significado da palavra “incluir” não está relacionado em apenas inserir as pessoas com deficiência na sociedade ou numa sala de aula e sim fazer um trabalho diferenciado com essas pessoas, um trabalho que venha a possibilitar a autonomia delas e para isso, o professor durante o seu planejamento precisa pensar no que ele está preparando e para quem está preparando, precisa buscar maneiras de ensinar todos os alunos presentes na sala de aula sendo de inclusão ou não para garantir um bom aprendizado.

P1 em sua resposta, diz que inclusão é quando são inclusos alunos com dificuldade de aprendizagem e cita que essas dificuldades podem ser intelectual, física, auditiva entre outros, entretanto cabe destacar que o fato do aluno possuir alguma deficiência não significa que ele tenha dificuldade de aprendizagem, um aluno cadeirante,

por exemplo, o fato de não conseguir andar não o torna incapaz de aprender assim como os outros alunos, um aluno cego ou surdo ele vai precisar de outros métodos para aprender mas ele é capaz de aprender.

Cabe destacar também, a concepção ampla e importante de P2 acerca da inclusão, que supera aquelas voltadas apenas às deficiências, mas que acolhe a todos os estudantes em suas diversidades.

Na questão nº 6 as professoras foram questionadas se: “Já trabalhou quantas vezes em sua carreira com alunos inclusos? Que tipo de deficiência ou condição esses alunos apresentavam?”:

P1: Trabalhamos todos os anos. Intelectual, física, auditiva, visual... [...]

P2: Não lembro quantas vezes já trabalhei com alunos inclusos, pois são 28 anos em sala de aula. Mas já trabalhei com alunos com vários tipos de dificuldades: mental, visual, auditiva, com síndromes [...].

P3: Todos os anos tenho alunos inclusos, inclusive mais de um por turma. No início da minha carreira não se discutia inclusão escolar, alunos com alguma “deficiência” somente estudavam em escolas especializadas (APAE). Trabalhei com diversos tipos de deficiências: intelectual: leve, moderada, severa. Diversos tipos de transtornos globais, já tive: DA, DV, DN e cadeirantes [...].

A presença de alunos com deficiência já fazem parte do cotidiano de todas as escolas na atualidade, e já houve um avanço sobre o tema, porém conforme a resposta de P3, é possível perceber que no início da carreira dela, nem sequer era discutido sobre a inclusão escolar, quem dirá ter algum preparo na formação para se trabalhar com esses alunos, se a criança tivesse qualquer deficiência ela era encaminhada para as escolas especializadas, conhecidas como Associação de Pais e amigos dos Excepcionais (APAES).

Em decorrência disso, quando se iniciou o processo de inclusão nas escolas tanto ela como provavelmente muitos outros professores, não sabiam nem como deveriam agir dentro de uma sala de aula tão diversificada. De acordo com Honnef (2009) com a implantação da proposta de inclusão, veio a necessidade de mudanças no sistema educacional, mudanças de concepções e metodologias de ensino dos professores, e essas modificações passaram a ser desafios a serem superados para que seja possível promover educação inclusiva de qualidade para todos.

Outra questão abordada junto aos professores acerca do papel inclusão foi a nº 10 “Você sabe qual é o papel da inclusão?” as professoras P1 e P2 responderam que:

P1: [...] Acredito que seja fazer o aluno se sentir incluído e não da forma que vem acontecendo, onde acabam sendo discriminados. Em nosso município temos uma intérprete de Libras para vários alunos em turnos e turmas diferentes, não tem professor para cada um deles. Enfim, a inclusão da forma que a SEED propõe não funciona. Procuramos nos ajudar, mas sabemos que para atingir objetivos é difícil. Precisamos insistir [...].

P2: [...] Oferecer oportunidades iguais de acesso a bens e serviços a todos, independente de raça, de crença, de condição física, mental ou social.

Já P3 apenas respondeu que sabe qual é o papel da inclusão, porém não citou, e afirmou que tem “muita dificuldade em aplicá-lo em sala de aula”.

Com base nas respostas das participantes a esta questão sobre o papel da inclusão, pode-se dizer que a professora P1 tem um breve conhecimento sobre a inclusão, ela mesma afirma que o papel da inclusão é fazer com que o aluno se sinta realmente incluído e não da forma como vem ocorrendo em que aluno acaba sendo excluído, então ela sabe qual é o papel, porém, não sabe como colocá-lo em prática. P2 afirma que o papel da inclusão é oferecer oportunidades iguais de acesso a todos, realmente incluir é oferecer oportunidades iguais de acesso, porém é preciso que ocorram adaptações para que o aluno dentro de suas capacidades possa aprender junto com o restante da turma. Assim, é possível perceber a falta de preparo dessas professoras no que diz respeito a educação inclusiva.

Para ser possível ofertar uma educação inclusiva de qualidade para todos, os professores precisam estar preparados para lidar com as diferenças. Ter uma formação continuada na perspectiva da inclusão, ter oportunidades de trocar experiências, porque não existe um método único para ensinar alunos de inclusão, cada situação precisa ser pensada e requer uma nova estratégia.

De acordo com Paulon, Freitas e Pinho (2005) as escolas juntamente com os professores têm conhecimento da existência das leis acerca da inclusão no ambiente escolar e da obrigatoriedade da garantia de vaga para estas. Porém, ao incluir esses alunos, as escolas não possuem suporte necessário para garantir um ensino de qualidade para os mesmos.

De acordo com Santos (2016) para que um educador possa ser considerado um professor orientado por princípios de uma educação inclusiva, ele precisa estar consciente que não sabe de tudo, mesmo que a sua rotina seja quase somente estudar. O “professor inclusivo” pelo fato de se encantar com a diversidade humana sabe que por mais que acumule conhecimentos originados de muitas leituras e experiências, nunca terá a garantia de que tudo o que sabe é suficiente para cada nova situação educacional, para cada dificuldade que um aluno de inclusão possa apresentar. Sendo assim, o professor precisa ter durante a formação um preparo para trabalhar com alunos de inclusão, e além disso, estar sempre lendo, estudando, e buscando participar de cursos e palestras que falem sobre a inclusão escolar (SANTOS, 2016).

Na pergunta nº 5 do questionário “Em sua formação acadêmica teve algum preparo ou componente curricular que te ofereceu a oportunidade de aprender sobre inclusão escolar?”, a P1 respondeu que “[...] Não, tivemos que aprender com o cotidiano [...]”. A P2 na mesma questão relatou que:

[...] Não, mas durante o tempo de atuação na educação tive acesso a alguns cursos e palestras oferecidos pela SEED e pela Secretaria Municipal de Educação referente a educação inclusiva [...].

Já a P3 nessa questão apenas respondeu que não teve. Pelas respostas das professoras, compreendemos que nenhuma delas teve uma formação ou algum preparo voltado para a educação inclusiva apenas P2 relatou que participou de algumas palestras e cursos relacionados com a inclusão, porém foi durante sua atuação. Portanto, fica evidente que essas professoras já passaram por inúmeras dificuldades pela falta de capacitação para trabalhar com alunos de inclusão. Conforme Veltrone e Mendes (2007) pode-se afirmar que o sucesso da inclusão escolar vai depender, principalmente do trabalho pedagógico do professor dentro das salas de aula, então ele deve estar qualificado para responder à todas as necessidades diferenciadas de seus alunos, para que seja possível propor situações de ensino e aprendizagem de qualidade para todos.

A educação inclusiva deve ser compreendida como uma maneira de suprir as dificuldades de aprendizagem de qualquer aluno inserido no sistema educacional. Inclusão escolar é garantir que os alunos, que apresentam alguma deficiência, tenham os mesmos direitos que os outros, ou seja, os mesmos direitos dos seus colegas escolarizados em uma escola regular (SÁNCHEZ, 2005). E para que isso aconteça, os professores precisam saber

como devem agir perante a diversidade de alunos, precisam ter conhecimento de diferentes métodos de ensino para que seja possível oferecer um ensino igualitário dentro das salas de aula. Acerca das dificuldades encontradas no âmbito escolar é organizada a categoria 3.2.2.

4.2.2. Dificuldades Enfrentadas Diante da Inclusão

Nos dias atuais, a presença de alunos com deficiência dentro das salas de aula já se tornou algo comum. Porém, anos atrás quando as professoras participantes da pesquisa iniciaram a sua carreira nem sequer era falado sobre esse assunto, e em consequência disso elas passam por várias dificuldades dentro das salas de aula, e nas respostas de algumas perguntas do questionário, as participantes relatam quais são as principais dificuldades vivenciadas diante da inclusão de alunos com deficiência. Na questão nº 7 “Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades e limites para a educação inclusiva?”, a P1 respondeu que:

[...] os alunos nem sempre são avaliados nas séries iniciais de ensino fundamental, chegam para nós, no sexto ano, temos dificuldades de identificar pois temos pouco tempo em sala com eles. Próprio estado, SEED nos questiona muitas vezes, os casos que são avaliados só à partir de sexto ano. Questão de economia de profissionais liberais, professores, salas de recursos. Enfim, descompromisso com educação e cidadania [...]

As inquietações de P1 se refere as carências da escola em identificar desde cedo alguma deficiência em seu alunado, muitas vezes esse processo é tão demorado, que isso acontece somente nos anos finais do Ensino Fundamental, ou seja, passaram alguns anos sem qualquer acompanhamento diferenciado. Essa é uma apenas uma das dificuldades encontradas pelos professores. Além da dificuldade de diagnosticar, os professores encontram limitações em como trabalhar com as deficiências, além da falta de recursos humanos para que a inclusão de fato se efetive. Ou seja, tem-se salas de aula com alunos inclusos e professores sem experiência e sem tempo de dar a devida atenção.

Então, com base na resposta da P1, pode-se afirmar que se os alunos tivessem desde cedo um acompanhamento e fosse identificado qual era a dificuldade de cada um, iria auxiliar no aprendizado deles, porque já seria trabalhado para os professores que

poderiam dar uma atenção diferenciada buscando métodos para possibilitar o aprendizado do mesmo. Porém, seria necessário que além do professor ser informado sobre a presença do aluno que possui alguma deficiência, ter um preparo adequado para trabalhar com esse aluno, caso contrário saber que tem alunos inclusos na sala não irá resolver nada.

A P2 na mesma questão, aponta as principais dificuldades enfrentadas pelos professores diante da educação inclusiva, segundo ela:

[...] por lei quando se tem um aluno incluso deve-se diminuir o número de alunos na turma e isso não acontece. Um número grande de alunos em sala de aula não possibilita ao professor dar um atendimento digno a um aluno incluso. Outras dificuldades, é falta de profissionais de apoio na escola para dar suporte ao trabalho do professor em sala de aula, estrutura física da escola precária, falta de materiais pedagógicos de apoio [...].

No relato da P2, pode-se perceber a indignação dela em ter que trabalhar em salas lotadas e ainda ter alunos inclusos. Os professores relatam que nas escolas além do professor não ter um preparo adequado para trabalhar com alunos de inclusão, ainda tem que dar conta de turmas muitas vezes com 40 alunos ou mais. O professor acaba se sentindo desorientado, não sabe como agir, não consegue às vezes nem perceber que tem um aluno incluso se não for comunicado, e quando é informado que possui alunos de inclusão, mesmo que tenha vontade de realizar um bom trabalho, não sabe como agir, de que maneira ensinar aqueles alunos junto com o restante da turma, sem fazer com que sejam excluídos ou prejudicados. E, normalmente não tem ninguém na escola que possa buscar ajuda, ou alguma informação, e assim acabam os professores entre si se ajudando e trocando experiências, que muitas vezes não são as mais adequadas.

Conforme Silva (2011) nos dias de hoje, é possível observar que os alunos são incluídos no ensino regular, apenas pela razão de ser necessário atender uma exigência legal, e assim, não ocorre nenhum investimento na capacitação dos profissionais que não estão preparados para oferecer um ensino de qualidade para alunos que possuem alguma deficiência. No geral as escolas, não possuem um ambiente que possa ser considerado adequado para educação inclusiva, os profissionais reclamam das salas superlotadas, materiais didáticos escassos, móveis inadequados, pouco espaço e ausência de recursos tecnológicos.

Já P3 na resposta da pergunta nº 7, afirma que a maior dificuldade e limites da educação inclusiva é “[...] A falta de capacitação para os professores [...]”. Assim, levando em consideração as respostas das participantes, cabe destacar que a maior dificuldade enfrentada pelas professoras diante da inclusão de alunos com deficiência é falta de preparo por não terem tido nenhuma abordagem satisfatória sobre inclusão durante a formação.

De acordo com Sant'Ana (2005) é de extrema relevância que os professores sejam instrumentalizados a fim de atender às necessidades apresentadas pelos alunos e para isso, a formação docente na perspectiva da inclusão não pode ser apenas a participação em cursos eventuais, é necessário contemplar programas de capacitação, supervisão e avaliação que sejam realizados de forma integrada e permanente, sendo assim a formação implica em um processo contínuo. Bem como considerar no processo educativo o elemento humano.

Com base nas respostas apresentadas, é possível afirmar que as professoras que participaram da pesquisa possuem dúvidas sobre o que é a educação inclusiva e qual o seu papel. Todas relataram não ter tido durante a sua formação nenhum preparo para trabalhar com alunos de inclusão o que acabou dificultando o trabalho dessas professoras em sala ao se depararem com alunos inclusos, deixando claro que uma das principais dificuldades da educação inclusiva é a falta de capacitação dos professores.

4.2.4. Possibilidades da Inclusão Escolar

Como a pesquisa busca problematizar os limites e as possibilidades da inclusão de alunos com deficiência, algumas perguntas trazem nas respostas das participantes algumas das possibilidades que podem vir a melhorar a educação inclusiva. Na pergunta nº 8 “O que um professor deve fazer quando se depara com alunos de inclusão se não tem nenhum preparo para lidar com aquele aluno? Que métodos deve adotar para fornecer uma educação de qualidade?”, P1 relata que “[...] Precisamos dialogar com equipe pedagógica antes de mais nada, e entender a realidade [...]”. Pode-se dizer que a alternativa apresentada por ela seria relevante se a escola estivesse preparada para receber alunos com deficiência, porém a mesma muitas vezes não consegue ajudar os professores, porque a equipe pedagógica não tem conhecimento sobre como trabalhar com esses alunos em sala.

A P2 na mesma questão, respondeu que:

[...] Nesses 28 anos de trabalho, percebo que não existe nenhum método pronto para se trabalhar com alunos inclusos, pois cada dificuldade requer uma prática diferenciada. Professores do ensino regular não têm preparo para trabalhar com os alunos em questão e nem sempre a boa vontade do professor é suficiente para se realizar um trabalho adequado. Minha prática, devido ao grande número de alunos em sala de aula, normalmente é trabalhar o mesmo conteúdo com todos os alunos, porém procurando dar um atendimento individualizado, quando possível, e avaliá-lo conforme suas possibilidades de aprendizagem, procurando socializá-lo com os outros alunos para que ofereçam apoio quando necessário. Para que a inclusão ocorra na íntegra, garantindo a aprendizagem faz-se necessário propiciar condições para a adequada formação dos professores e criação de uma boa comunicação entre alunos, docentes, gestores escolares, famílias e profissionais de saúde [...].

No relato de P2, que durante os anos de sua experiência ela percebeu que não existe um método pronto para se trabalhar com alunos inclusos, pelo fato de que, cada dificuldade requer uma prática diferenciada, e afirma que para que a inclusão ocorra na íntegra garantindo a aprendizagem, os professores precisam ter preparo e uma adequada formação. Segundo Bisaccioni (2005) realmente não há uma fórmula ou método que possa garantir o sucesso da inclusão dentro das escolas, porém há certos fatores importantes que podem determinar a maneira com que a criança com deficiência será incluída na sala e na escola como um todo.

Sendo assim, o relato de P2 traz uma possibilidade que pode vir a melhorar a educação inclusiva nas escolas. Para que a educação inclusiva possa realmente acontecer como deveria, os professores precisam estar sempre participando de cursos e palestras que tratam da inclusão, porque assim experiências podem ser trocadas e para cada situação que possa ocorrer dentro de uma sala de aula com alunos de inclusão o professor possa ter uma base de como poder agir.

De acordo com Duek (2007) incluir requer a superação de alguns desafios dentro da escola, e os professores devem se portar como aprendizes diante de todas as situações novas e imprevistas que surgem no cotidiano escolar. Segundo Silva (2011) para que o(a) professor(a) tenha um melhor preparo para trabalhar com alunos de inclusão, ele(a) precisa além de ter uma formação adequada na perspectiva da inclusão, precisa ter a possibilidade de construir o seu saber por meio de debates entre colegas para troca de experiências

relacionadas aos desafios enfrentados no dia a dia, participar de cursos de atualização, isso significa que o professor precisa estar em formação permanente .

Já P3 na questão nº 8 traz um aspecto relevante da inclusão escolar:

[...] No ensino fundamental temos a sala de recursos com professora especialista em educação inclusiva, que atende todos os alunos inclusos, encaminhamos as atividades de acordo com o grau de dificuldade de cada aluno, que é descrito em laudo médico [...].

Analisando a resposta de P3, em que coloca a existência da sala de recursos na escola para onde encaminham os alunos de inclusão. Porém, apesar dessa sala de recursos auxiliar o aprendizado do aluno pelo fato de ter alguém especializado para trabalhar com a educação inclusiva, o aluno continua de certa forma excluído, pois, segundo Carleto et al. (2013) para que a inclusão realmente aconteça, o aluno precisa aprender junto com os outros colegas dentro da sala de aula e não separadamente.

Na questão nº 9 “Você acha que seria melhor para os alunos de inclusão se tivessem alguém especializado para ensinar esses alunos separadamente dentro da sala?”, a professora P1 respondeu que acredita não ser necessário, segundo ela “[...] os alunos devem ser inclusos, devem ter apoio em período contrário, e nós professores orientação [...]”. A professora P2 na mesma questão, afirma que:

[...] na escola onde atuo tem sala de recurso em período contrário que serve para dar apoio ao trabalho que o professor faz em sala de aula, mas nem todos os alunos participam ou porque não querem ou porque a família não permite. Não é o trabalho ideal, mas é uma ajuda. Se tivéssemos alguém orientando esses alunos e o próprio professor, no período de aula acredito que estaríamos realizando um trabalho mais adequado [...].

De acordo com as respostas das professoras P1 e P2 na questão nº 9, ter alguém para ensinar separadamente dentro da sala os alunos de inclusão não seria uma alternativa correta, e realmente não seria porque sendo ensinado separadamente ele pode se sentir excluído. Porém, se tivesse alguém especializado para auxiliar o professor dentro da sala poderia ser de extrema importância para ser realizado um trabalho mais adequado.

Já a P3, apenas concordou que seria melhor para os alunos de inclusão se tivessem alguém especializado para ensinar separadamente dentro da sala de aula. A resposta dela, demonstra que a mesma pode não saber realmente qual é o papel da

inclusão. A partir do momento que, tem alguém dentro da sala de aula que ensina o aluno que possui alguma deficiência separadamente, não vai mais estar incluindo ele na sala e sim, de certa forma, excluindo. Conforme Carleto et al. (2013) a educação inclusiva precisa ser uma questão prioritária que garante a educação para todos/as, e isso deve significar que realmente todos/as e não apenas alguns indivíduos têm direito de ser parte de todo o grupo dentro de uma sala de aula ou em qualquer ambiente público, todos os indivíduos podem aprender juntos uns com os outros.

De acordo com as respostas das participantes, uma das possibilidades para estar melhorando a educação inclusiva, era que pensando em melhorar a capacitação dos professores, fosse ofertado cursos e palestras sobre esse assunto para todos os professores. Porque como as professoras relataram na formação delas e no início da carreira nem se ouvia falar sobre inclusão e por este motivo tiveram e ainda tem inúmeras dificuldades, e além disso, seria necessário mudanças culturais nas escolas e na sociedade para aceitar as diferenças.

Assim, com base nas respostas apresentadas pelas participantes nas três categorias, cabe ressaltar a importância da qualificação dos professores na perspectiva da inclusão. O professor é o principal responsável na garantia de um ensino de qualidade para todos, e quando ele não está preparado, além das dificuldades que esse professor vai enfrentar, quem mais sofre as consequências é o aluno por não poder receber um ensino de qualidade e não se sentir incluso dentro da sala de aula, e conseqüentemente acaba sentindo-se excluído.

Sabe-se que, durante a formação muitos professores não tiveram abordagens satisfatórias sobre a inclusão e devido a isso muitas são as dificuldades enfrentadas. Até hoje, muitos cursos de licenciatura não possuem nenhuma disciplina que trabalhe a educação inclusiva. Os professores não estão sendo formados para atuarem em salas tão heterogêneas, é preciso levar em consideração que dentro de uma sala de aula o professor vai se deparar com diferentes tipos de alunos. Porém, é de responsabilidade dos professores também buscar por uma formação continuada e estar se aperfeiçoando para ser possível oferecer uma educação de qualidade para todos. Além disso, o preconceito precisa ser superado também na sociedade para ser possível aceitar as diferenças, transformando o espaço escolar em um espaço de todos e para todos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dias de hoje, devido a legislação brasileira vigente, cada vez mais os alunos que possuem alguma deficiência estão sendo incluídos no ensino regular e esses alunos têm direito a uma educação de qualidade e igualitária. A Educação Inclusiva visa garantir um ensino de qualidade para todos os alunos, independente da sua condição, ela busca garantir que todos os alunos possam ter um ensino igualitário dentro das salas de aula, evitando que sejam excluídos ou sofram qualquer tipo de preconceito. Porém, ao entrarmos na maioria das escolas do ensino regular e acompanharmos como ocorre a inclusão dos alunos, é possível perceber que não está acontecendo como deveria.

Os professores são considerados a figura central do fazer educacional, o sucesso da educação inclusiva vai depender quase que exclusivamente deles, pelo trabalho que realizam em sala. Porém, conforme relatos das professoras de Ciências que participaram desta pesquisa, elas possuem concepções básicas que adquiriram durante a sua carreira sobre o que é a inclusão, e enfrentam dificuldades ao se depararem com alunos de inclusão, por não saberem como agir, como ensinar e que atitude tomar devido a falta de capacitação nessa área. Fica evidente que, o principal motivo das dificuldades diante da Educação Inclusiva é a falta de formação dos professores na perspectiva da inclusão.

Portanto, alguns cursos de licenciatura, como o de Ciências Biológicas da UFFS, já apresentam como componente curricular a Educação Inclusiva, apesar de uma carga horária reduzida para trabalhar com todas as perspectivas de inclusão necessárias. Para melhorar a qualidade da Educação Inclusiva nas escolas, seria necessário que todos os cursos de licenciatura tivessem como componente curricular obrigatório a Educação Inclusiva, com carga horária mais elevada e com práticas inclusivas. E, em relação aos professores que já atuam nas escolas, seria necessário que fossem ofertados, com frequência, cursos que tratassem da educação inclusiva, ou seja, os professores precisam ter uma constante formação continuada na perspectiva da inclusão.

REFERÊNCIAS

- BISACCIONI, Paola. **Como os professores lidam com um aluno com deficiência inserido em suas turmas?: Os Desafios da Transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental.** 2005. 79 f. Monografia (Especialização) - de Curso de Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/~bdsepsi/192a.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2016.
- BORGES, Adriana Costa; OLIVEIRA, Elaine Cristina Batista Borges; PEREIRA, Ernesto Flavio Batista Borges; OLIVEIRA, Marcio Divino. Reflexões sobre a inclusão, a diversidade, o currículo e a formação de professores. In: CONGRESSO MULTIDISCIPLINAR, 1., 2013, Londrina. **Reflexões Sobre a Inclusão, a Diversidade, o Currículo e a Formação de professores.** Londrina: Uel, 2013. p. 1 - 12. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2013/AT01-2013/AT01-040.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2016.
- BRASIL. Lei nº 13.146, de 03 de julho de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa Com Deficiência (estatuto da Pessoa Com Deficiência).** Brasília, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 14 ago. 2017.
- CARLETO, Eliana Aparecida et al. Sala de Recursos Multifuncionais: Inclusão ou Exclusão Escolar? **Revista História e Diversidade**, Uberlândia, v. 2, n. 1, p.1-26, 2013. Disponível em: <http://www.unemat.br/revistas/historiaediversidade/docs/edicao2013/eliana_aparecida_carleto,_sala_de_recursos_multifuncionais.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2017.
- DUEK, Viviane Preichardt. Professores Diante da Inclusão: Superando Desafios. In: IV CONGRESSO BRASILEIRO MULTIDISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 4., 2007, Londrina. **Professores Diante da Inclusão: Superando Desafios.** Londrina: Isbn, 2007. p. 1 - 8. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2007/066.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2017.
- FREIRE, Sofia. Um Olhar Sobre a Inclusão. **Revista da Educação**, Loulé, Portugal, v. 16, n. 1, p.5-20, 2008. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5299/1/Um_olhar_sobre_a_Inclusao.pdf>. Acesso em: 26 jul.. 2016.
- FREITAS, Henrique; JANISSEK-MUNIZ, Raquel; MOSCAROLA, Jean. **Uso da Internet no Processo de Pesquisa e Análise de Dados.** 2004. Disponível em: <http://gianti.ea.ufrgs.br/files/artigos/2004/2004_147_ANEP.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2017.
- FRIAS, Elzabel Maria Alberton. **Inclusão Escolar do Aluno com Necessidades Educacionais Especiais:** contribuições ao professor do Ensino Regular.2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1462-8.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2016.

FUMEGALLI, Rita de Cassia de Avila. **Inclusão Escolar: O Desafio de uma Educação para Todos?**2012. 50 f. Monografia (Especialização) - Curso de Pós-graduação Lato Sensu, Unijuí – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2012. Disponível em: <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/716/ritamonografia.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 26 jul. 2016.

HONNEF, Cláucia. As Dificuldades dos Professores Frente à Implementação de uma Proposta Educacional Inclusiva. In: IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, 9., 2009, Curitiba. **As Dificuldades dos Professores Frente à Implementação de uma Proposta Educacional Inclusiva**. Curitiba: Pucpr, 2009. p. 8029 - 8041. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2505_1973.pdf>. Acesso em: 25 set. 2017

IBDD. Instituto Brasileiro dos Direitos da Pessoa Com Deficiência. **Inclusão Social da Pessoa com Deficiência: Medidas que Fazem a Diferença**. Rio de Janeiro: Ibdd, 2008. Disponível em: <<http://www.ibdd.org.br/arquivos/inclusaosocial.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2017.

JESUS, Denise Meyrelles de; EFFGEN, Ariadna Pereira Siqueira. Formação docente e práticas pedagógicas. In: MIRANDA, Teresinha Guimarães; GALVÃO FILHO, Teófilo Alves. **O Professor e a Educação Inclusiva**. Salvador: Edufba, 2012. p. 17-24

MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. Reflexões sobre a formação de professores com vistas à educação inclusiva. In: MIRANDA, Teresinha Guimarães; GALVÃO FILHO, Teófilo Alves. **O Professor e a Educação Inclusiva**. Salvador: Edufba, 2012. p. 25-38

MITTLER, Peter. **Conferências - Educação de Necessidades Especiais: uma Perspectiva Internacional**.2016. Disponível em: <<http://proex.pucminas.br/sociedadeinclusiva/anaispdf/Peter.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise Textual Discursiva: Processo Construído de Múltiplas Faces. **Ciência & Educação**, v.12, n.1, p.117-128, 2006

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva**. 2 ed. Revisada. Ijuí: Unijuí: 2011.

NASCIMENTO, Rosangela Pereira do. **Preparando Professores para Promover a Inclusão de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais**. 2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2496-8.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2016.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. **Um Apanhado Teórico-conceitual sobre a Pesquisa Qualitativa: Tipos, Técnicas e Características**.2016. Disponível em: <http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_004/artigos/educacao/pdfs/UM%20APANHADO%20TE%20D3RICO-CONCEITUAL.pdf>. Acesso em: 26 set. 2016.

PAULON, Simone Mainieri; FREITAS, Lia Beatriz de Lucca; PINHO, Gerson Smiech. **Documento Subsidiário à Política de Inclusão.** 2005. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/docsubsidiariopoliticadeinclusao.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2016.

RODRIGUES, David; LIMA-RODRIGUES, Luzia. Formação de Professores e Inclusão: como se reformam os reformadores? **Educar em Revista**, Curitiba, v. 1, n. 41, p.41-60, set. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n41/04.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

RUIZ, Marcos Cruz. **A Inclusão de Portadores de Necessidades Especiais nas Aulas de Educação Física.** 2008. 68 f. TCC (Graduação) - Curso de Curso Educação Física, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2008. Disponível em: <http://www.def.unir.br/downloads/1224_a_inclusao_de_portadores_de_necessidades_especiais_nas_aulas.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2016.

SÁNCHEZ, Dra. Pilar Arnaiz. A Educação Inclusiva: um meio de construir escolas para todos no século XXI. **Revista Inclusão**, [s.l], v. 1, n. 1, p.07-18, out. 2005. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revistainclusao1.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2017.

SANT'ANA, Izabella Mendes. Educação inclusiva: concepções de professores e diretores. **Revista Scielo**, Maringá, v. 10, n. 2, p.227-234, ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000200009>. Acesso em: 25 set. 2017.

SANTOS, Profa. Dra. Mônica Pereira dos. **Práticas de Inclusão em Educação: Dicas para Professores.** 2016. Disponível em: <<http://www.lapeade.com.br/publicacoes/artigos/praticas-de-inclusao-em-educacao.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2017.

SARAIVA, Ana Cláudia Lopes Chequer; VICENTE, Carla Cristina; FERENC, Alvanize Valente Fernandes. **A Formação Docente na Perspectiva da Inclusão: “Não Estou Preparado”:** A Construção da Docência na Educação Especial. 2007. Disponível em: <[www.unesp.br/prograd/ixcepfe/Arquivos 2007/5eixo.pdf](http://www.unesp.br/prograd/ixcepfe/Arquivos%202007/5eixo.pdf)>. Acesso em: 29 ago. 2016.

SILVA, Ana Paula Mesquita da; ARRUDA, Aparecida Luvizotto Medina Martins. O Papel do Professor Diante da Inclusão Escolar. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, São Roque, v. 5, n. 1, p.01-29, 2014. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes_pdf/educacao/v5_n1_2014/Ana_Paula.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2017.

SILVA, Margaret do Rosario. **Dificuldades Enfrentadas pelos Professores na Educação Inclusiva.** 2011. 55 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/2487/1/2011_MargaretRosarioSilva.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2017.

SOUZA, Aline de Jesus; PASSOS, Carla Michele Batista; LISBOA, Geise dos Santos; SOUSA, Luciene Santos de; CARNEIRO, Telmária Cana Brasil. **A Inclusão de Crianças Portadoras de Necessidades Especiais e os Desafios do Docente em Lidar com Isso**. 2016. Disponível em: <http://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/INCLUSAO_CRIANCAS_PORT_NEC_ESPECIAIS.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2016.

STUBBS, Sue. **Educação Inclusiva onde existem poucos recursos**. Oslo: Ingrid Lewis, 2008. Disponível em: <http://redeinclusao.web.ua.pt/docstation/com_docstation/19/fl_68.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2016.

TOLEDO, Elizabete Humai de; MARTINS, João Batista. A Atuação do Professor Diante do Processo de Inclusão e as Contribuições de Vygotsky In: IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE III ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 3., 2009, Curitiba. **A Atuação do Professor Diante do Processo de Inclusão e as Contribuições de Vygotsky**. Curitiba: Pucpr, 2009. p. 1 - 13. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3298_1675.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2016.

UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. **Orientações para a Inclusão: Garantindo o Acesso à Educação para Todos**. Brasil: Unesco, 2005. Disponível em: <http://redeinclusao.web.ua.pt/docstation/com_docstation/20/fl_43.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2017.

VELTRONE, Aline Aparecida; MENDES, Enicéia Gonçalves. A formação Docente na Perspectiva da Inclusão. In: CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, 9., 2007, São Paulo. **A Formação Docente na Perspectiva da Inclusão**. São Paulo: Unesp, 2007. p. 1 - 179. Disponível em: <www.unesp.br/prograd/ixcepfe/Arquivos%202007/5eixo.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2016.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS REALEZA
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS – LICENCIATURA

Questionário da Pesquisa:

**As dificuldades, os limites e as possibilidades de um professor de Ciências
diante da inclusão de alunos com deficiência.**

Nome completo do participante: _____

Questões:

- 1) Qual é a sua formação acadêmica e a sua especialização?
- 2) Em que ano se formou?
- 3) Em qual instituição cursou o ensino superior e em qual cidade?
- 4) O que entende por inclusão escolar?
- 5) Em sua formação acadêmica teve algum preparo ou componente curricular que te ofereceu a oportunidade de aprender sobre inclusão escolar?
- 6) Já trabalhou quantas vezes em sua carreira com alunos inclusos? Que tipo de deficiência ou condição esses alunos apresentavam?
- 7) Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades e limites para a educação inclusiva?
- 8) O que um professor deve fazer quando se depara com alunos de inclusão se não tem nenhum preparo para lidar com aquele aluno? Que métodos deve adotar para fornecer uma educação de qualidade?

9) Você acha que seria melhor para os alunos de inclusão se tivessem alguém especializado para ensinar esses alunos separadamente dentro da sala?

10) Você sabe qual é o papel da inclusão?

APÊNDICE B - TCLE**Comitê de Ética em Pesquisa - CEP/UFFS**
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

As dificuldades, os limites e as possibilidades de um professor de Ciências diante da inclusão de alunos com deficiência.

Prezado participante,

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “As dificuldades, os limites e as possibilidades de um professor de Ciências diante da inclusão de alunos com deficiência”. A pesquisa está sendo realizada pela pesquisadora Cristiane de Quadros, com a colaboração/participação da acadêmica do Curso de Graduação - Licenciatura em Ciências Biológicas Patrícia Dietzmann da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus de Realeza.

O objetivo central do estudo é verificar quais são as dificuldades, os limites e as possibilidades dos professores de Ciências de dois colégios da cidade de Realeza/PR diante da inclusão, levando em consideração o que entendem por inclusão, formação dos professores e planejamento das aulas.

O convite a sua participação se deve à vossa experiência na área da educação na condição de professor que vivenciou ou vivencia de perto algumas das várias transformações por que passou as escolas e seus processos formativos, em especial no que diz respeito ao processo de inclusão de pessoas com deficiência.

Sua participação não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como desistir da colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desista da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Você não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo sua participação voluntária.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer material armazenado em local seguro podendo ser disponibilizado para outras pesquisas. Haverá a identificação dos participantes da pesquisa e a divulgação da mesma, uma vez que são registros de entrevistas. No entanto, se você não desejar ser identificado poderá optar por um codinome de sua preferência que será utilizado para o registro de seu depoimento. Neste caso qualquer dado que possa identificá-lo será substituído pelo codinome por você indicado, tanto na divulgação dos resultados da pesquisa como na identificação do material armazenado em local seguro podendo ser disponibilizado para outras pesquisas.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

Sua participação nesta pesquisa envolverá algumas das seguintes situações: responder a um questionário; relatar a partir de suas memórias a experiência escolar que viveu ou vive frente a inclusão de alunos com alguma deficiência como professor/a, de turmas inclusivas mediante um roteiro semiestruturado; doar ou permitir a reprodução de documentos que esteja em seu poder e que sejam relativos à vida escolar (material didático e qualquer outro material que tenha sido empregado no espaço escolar na perspectiva da inclusão de alunos com deficiência). O local de coleta será nas escolas públicas, na casa do depoente se assim for de sua vontade ou em qualquer outro espaço que o colaborador/a indicar desde que não prejudique a qualidade da coleta de fontes da pesquisa.

Tempo de duração da entrevista/procedimento/experimento

O tempo de duração da entrevista (depoimentos e histórias de vida) é de aproximadamente uma hora (dependendo do colaborador e sua condição este período de tempo poderá ser maior ou menor). A entrevista terá a duração aproximada de uma hora e meia.

Gravação da entrevista

A entrevista será gravada somente para a transcrição das informações e somente com a sua autorização.

Assinale a seguir conforme sua autorização:

Autorizo gravação

Não autorizo gravação

OU

A entrevista será gravada e filmada:

Autorizo a gravação e filmagem

Não autorizo a gravação e filmagem

Em relação ao armazenamento das gravações de áudio e/ou vídeo, bem como sua cessão pública (tendo em vista que este material fará parte do acervo que se pretende construir e que o mesmo será público):

Autorizo

Não autorizo

A entrevista será gravada e/ou filmada e ficará à disposição para pesquisas acadêmicas em um futuro Centro de Memórias sobre a Formação de Professores da região Sudoeste do Paraná/Campus Realeza por tempo indeterminado. As entrevistas serão transcritas e armazenadas em arquivos digitais.

O benefício relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa ajudará a compreender sobre o processo de inclusão do aluno que apresenta alguma deficiência no sentido de mapear quais são as maiores dificuldades desse grupo de alunos ao inserir-se na escola, em especial no que diz respeito às aulas de Ciências no Ensino Fundamental. Compreende-se que na tentativa de acompanhar o dia a dia de um aluno com deficiência tornar-se-á possível mapear os principais acontecimentos em sua aprendizagem e, quem sabe, propor melhores metodologias de ensino e de aprendizagem.

Entre os benefícios da pesquisa para o participante e as instituições envolvidas estão: o registro e a preservação da memória em formação de professores voltados para educação especial/inclusiva, das práticas docentes e a constituição da história da educação especial/inclusiva na região Sudoeste do Paraná; o resgate e preservação das memórias em formação de professores; o levantamento e conservação de materiais didáticos referentes às práticas docentes não excludentes; contribuir para a constituição da história de formação das escolas locais e da história da educação da região do Sudoeste do Paraná; contribuir para qualificar a formação inicial e continuada de professores que atuam com pessoas que

apresentam uma deficiência; subsidiar novos projetos de formação de professores frente a temática em destaque, tanto inicial como continuada; fornecer subsídios para reformulação dos cursos de licenciatura na região e em especial na UFFS.

Gostaríamos de chamar sua atenção para o fato de que a pesquisa poderá causar riscos de ordem emocional, pois revisitar nossas práticas por meio de nossas lembranças nem sempre nos traz sensações agradáveis e em muitos casos você poderá rememorar fatos que lhe trazem algum sofrimento ou constrangimento. Como sabemos boas ou más recordações fazem parte da vida de qualquer pessoa. Fique tranquilo/a para falar. Caso se sinta incomodado/a com alguma pergunta ou observação por parte do pesquisador fique a vontade para responder ou não. Você poderá acordar com o pesquisador a forma de registro do depoimento que poderá ser gravado em áudio e/ou vídeo, ou ainda na forma escrita. Com o propósito de preservar sua identidade de participante da pesquisa você poderá escolher um codinome, se assim o desejar. Nesse caso sua identidade será preservada, tanto nos registro para o futuro Centro de Memórias quanto nas possíveis publicações.

Na eventualidade de você se sentir desconfortável em falar sobre alguma parte ou fato de suas memórias o mediador da entrevista conduzirá para outra temática, ou ainda poderá suspender a entrevista. Caso a situação de desconforto se repita, lhe será dado a oportunidade de encerrar sua participação na pesquisa.

Os resultados dessa pesquisa serão armazenados por tempo indeterminado no centro de memórias em Formação de Professores da Região Sudoeste do Paraná/Campus Realeza – PR e a sua identidade será preservada, assim como a garantia de confidencialidade e privacidade das informações fornecidas. A devolutiva da pesquisa acontecerá individualmente para cada participante.

Caso concorde em participar, uma via deste termo ficará em seu poder e a outra será entregue ao pesquisador. Desde já agradecemos sua participação.

Realeza/PR____de____ de 2017.

Cristiane de Quadros

Contato profissional com o(a) pesquisador(a) responsável:

Tel: (46) 3542-8300 Ramal: 8386

E-mail: cristiane.quadros@uffs.edu.br

Endereço para correspondência: Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Realeza, Avenida Edmundo Gaievski nº. 1000 - CEP: 85770-000 - Caixa Postal 253 – Pq Universitário - Realeza - Paraná – Brasil.

“Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS”: Tel e Fax - (0XX) 49- 2049-3745 E-Mail: cep.uffs@uffs.edu.br

http://www.uffs.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2710&Itemid=1101

&site=proppg Endereço para correspondência: Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS - Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS, Rua General Osório, 413D - CEP: 89802-210 - Caixa Postal 181 – Centro - Chapecó - Santa Catarina – Brasil)

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Nome completo do (a) participante: _____

Assinatura: _____